

Cultue

Natal/RN | Nº 46 | Ano 6 | 17 de julho de 2026

NEWTON NAVARRO

No Centro Histórico, galeria foi reaberta com uma exposição de cerca de 60 obras do artista, incluindo recursos de acessibilidade e entrada gratuita

SÉRIE REGISTRA A HISTÓRIA DA
MÚSICA PRETA POTIGUAR NO RN

ARIEL GUERRA LEVA A ARTE
DAS TELAS AO ESPAÇO URBANO

Cultue

As cidades também esquecem.

Esquecem prédios, histórias, personagens e lugares que um dia foram fundamentais para sua vida cultural. Com o tempo, o abandono vira paisagem. O que antes causava estranheza passa a ser aceito como algo natural. Até que, um dia, uma porta volta a se abrir.

Foi o que aconteceu com a Galeria Newton Navarro.

Depois de cerca de três décadas, a retomada de um dos espaços mais simbólicos das artes visuais de Natal representa algo raro: a recuperação de uma memória que parecia condenada ao silêncio. Não se trata apenas da restauração de uma galeria, mas da devolução de um lugar de encontro à cidade.

Quem circula pelo Centro Histórico sabe que ele é feito de camadas. Entre casarões, igrejas, becos e fachadas antigas, existem histórias que resistem ao tempo e outras que correm o risco de desaparecer. Os equipamentos culturais têm um papel importante nessa permanência. São eles que ajudam a manter acesa a relação entre a cidade e seus habitantes.

Por isso, a reabertura da Galeria Newton Navarro carrega um significado que vai além das artes visuais. Ela reafirma a importância da Cidade Alta como território de produção cultural e devolve ao centro de Natal um espaço capaz de conectar passado, presente e futuro.

A escolha de Newton Navarro para marcar esse retorno parece inevitável. Poucos artistas compreenderam Natal de forma tão profunda. Sua obra registrou paisagens, personagens e transformações de uma cidade em constante movimento. Mas talvez seu maior legado tenha sido justamente o inconformismo. Navarro nunca olhou para Natal de forma passiva. Interpretou-a, questionou-a e a transformou em matéria-prima para sua criação.

É simbólico que sua galeria retorne à vida em um momento em que a própria cidade discute ocupação dos espaços públicos, preservação do patrimônio e acesso à cultura.

Também merece destaque o esforço para tornar a exposição acessível. Em um País onde a democratização do acesso à arte ainda é um desafio cotidiano, iniciativas que ampliam a experiência cultural para diferentes públicos ajudam a redefinir quem pode ocupar esses espaços e de que maneira.

Mas nenhuma reabertura se sustenta apenas pelo simbolismo. O verdadeiro desafio começa agora.

Uma galeria vive das pessoas que a frequentam, dos artistas que a ocupam, dos estudantes que a descobrem e das conversas que provoca. Espaços culturais não sobrevivem apenas de inaugurações. Precisam de continuidade, programação, investimento e público.

A boa notícia é que Natal demonstra, repetidamente, que existe interesse por cultura. O que muitas vezes falta são portas abertas.

Agora há uma a mais.

Que ela permaneça assim.



Nathallya Macedo
Editora

EXPEDIENTE

Direção
Alex Viana

Foto da capa
Canindé Soares

Diagramação
Paulo Maia

Acervo
Funcarte

Edição
Nathallya Macedo

AGORARN

A Revista Cultue é um produto do Grupo Agora RN, que detém os direitos de produção e propriedade

SUMÁRIO



**HIP-HOP
TRANSFORMA
VIVÊNCIA NA
COMUNIDADE
DA ÁFRICA**

06



**CASA DO
ROCK LANÇA
PODCAST E
FORTALECE
BANDAS
AUTORAIS**

08



**MUSICISTAS
POTIGUARES
REPRESENTAM
O RN EM
FESTIVAL
INTERNACIONAL**

23

Pra ver & ouvir

MOANA

Moana volta às telonas, desta vez em formato de Live Action. A animação da Disney ganhou uma versão para o cinema com direito a um elenco de peso, Catherine Lagaia como Moana e The Rock como Maui. Dirigido por Thomas Kail, o Live Action segue fiel à narrativa original da animação, que acompanha a história de Moana, uma jovem corajosa que parte em uma viagem pelo oceano para salvar sua ilha. Com a ajuda do semideus Maui, ela enfrenta desafios, descobre suas origens e aprende a acreditar em sua própria liderança para restaurar o equilíbrio da natureza.

Desde que foram divulgadas as primeiras imagens, o Live Action gerou preocupação nos fãs da animação sobre a fidelidade da história e a essencial dos personagens. Diferente de algumas outras produções recentes da Disney, em Moana prevaleceu o perfeccionismo por seguir a receita da animação.

Lançado em 2016, Moana tornou-se um dos maiores sucessos da Disney ao apresentar uma protagonista inspirada na cultura polinésia e uma história centrada na coragem, na identidade e na preservação da natureza. O filme conquistou público e crítica, recebeu indicações ao Oscar e deu origem a uma franquia que continua entre as mais populares do estúdio.



Filme em cartaz nos cinemas



BABYMONSTER



O BABYMONSTER é daqueles grupos que mostram como a nova geração do K-pop já chegou ocupando espaço sem pedir licença. Desde a estreia, em 2023, o septeto da YG Entertainment — atualmente promovendo atividades com seis integrantes devido ao hiato de Rami — vem construindo uma identidade que combina a força característica da gravadora com uma sonoridade mais versátil. Faixas como “BATTER UP”, “SHEESH” e “DRIP” consolidaram essa trajetória, enquanto os lançamentos mais recentes apontam para uma fase ainda mais ousada.

É justamente aí que entram “Sugar Honey Ice Tea” e “Choom”, duas músicas que não saem da minha playlist. A primeira é irresistível desde os primeiros segundos: um refrão viciante, batida leve e uma atmosfera divertida que faz sentido tanto no fone de ouvido quanto no palco. Já “Choom” aposta em uma energia diferente, com uma performance que evidencia o que talvez seja o maior trunfo do BABYMONSTER: cada integrante consegue imprimir sua própria personalidade sem que o grupo perca a unidade. Ruka, Asa, Ahyeon, Pharita, Rora e Chiquita têm estilos muito distintos, e isso aparece tanto na interpretação quanto na presença de palco.

Talvez seja essa a razão de o BABYMONSTER estar conquistando tanta gente em tão pouco tempo. O grupo entrega músicas que funcionam no streaming, coreografias marcantes e um carisma que vai além do conceito de cada comeback. Não é preciso muito tempo ouvindo para entender por que tantas faixas acabam entrando no modo repetição. Com “Sugar Honey Ice Tea” e “Choom”, descobri um grupo que consegue ser pop, divertido e tecnicamente consistente ao mesmo tempo — e, confesso, estou completamente viciada.

Disponível em todas as plataformas digitais





José Jullian Souza

★★★★★

“O que a vida quer da gente é coragem”, disse Guimarães Rosa em Grande Sertão: Veredas. Contudo, para falar sobre o romance da jornalista e escritora francesa Clara Dupont-Monod, “Se adaptar”, lançado em 2021, a frase, e peço desculpas

pelo óbvio trocadilho, é adaptação: “O que a vida quer da gente é adaptação”. Ajustar, modificar, adequar, transformar, libertar e transformar. Os três primeiros verbos explicam o significado da palavra adaptar; já os três últimos o significado do ciclo de vida da borboleta (que deixa de ser uma lagarta para tornar-se um ser alado). E também explicam o contexto central deste livro.

A obra de Dupont-Monod tem como pano de fundo para os acontecimentos Cévennes, uma cadeia de montanhas localizada no centro-sul da França, cobrindo parte dos departamentos de Gard, Lozère, Ardèche e Haute-Loire. Uma paisagem bucólica marcada por montanhas, natureza e uma família em um constante processo de metamorfose. A cena é a seguinte: nasce numa família um menino inadaptado. Um corpo mole, de olhar móvel e vazio. Mas, no começo, a família não percebeu que ele tinha um problema. Sim, um problema, ainda que o bebê fosse até bonito”, como a autora deixa claro logo nas primeiras páginas do livro.

“Se adaptar” não é uma leitura para diversão ou passatempo. Muito menos uma leitura leve e alegre. É uma leitura densa, introspectiva, reflexiva e pulsante e, aqui sim, podemos voltar para Guimarães Rosa: é uma leitura que requer coragem. Pois, após a morte desse menino inadaptado toda a vida da família é transformada (para sempre).

Em meio as montanhas, são as pedras do muro da velha casa da família que testemunham e narram as trajetórias dos outros três filhos. O filho mais velho, com todo o seu amor absoluto e protetor; a filha do meio, com toda a sua rebeldia que assume para rejeitar a dor e a chegada do mais novo, após a morte do menino, que cresce em meio à sombra das memórias.

A cada página o leitor torna-se um observador das pequenas modificações que ocorrem com a família. Como lidar com a perda de alguém que desde o começo é anunciado em tom de despedida? Como seguir a vida imaginando como poderia ter sido se...? E, como chegar em uma família depois da partida de um irmão que você só conhece pela escuta (e tristeza) dos outros? E, como adaptar-se à complexidade das diferenças? São perguntas existentes nas entrelinhas da obra.

Ao leitor, deixo claro que a emoção, seja ela qual for, virá. É uma leitura humana que entranha o corpo, a mente, o espírito e o coração. O simples movimento de virar a página é doloroso, mas, ao mesmo tempo, nos provoca uma ânsia em acompanhar a história dessa família que poderia ser a nossa família. A família do nosso vizinho, de uma colega de trabalho, de uma professora da faculdade. Porque, afinal, a sociedade não parece estar pronta para lidar com as diferenças (ao menos na prática).

O livro é organizado em três grandes partes: o mais velho, do meio e o último. A partir da ótica de cada um dos filhos, narrada pelas pedras das montanhas, conhecemos a história do menino que partiu, dos pais e das relações entre

A página Clube do Livro reúne, a cada mês, avaliações dos repórteres da Cultue sobre a obra escolhida para leitura coletiva.



a família sob os diferentes olhares e temporalidades.

E mais do que falar sobre a deficiência em si, “Se adaptar”, como destaca a autora, propõe uma reflexão sobre os laços entre os irmãos. “Deste então, o mais velho cresceu sem laços. Criar laços é muito perigoso, ele pensa. As pessoas que a gente ama podem desaparecer tão facilmente”. E com esta passagem, nós compreendemos no decorrer da leitura como o filho mais velho foi se relacionando com o mundo ao seu redor.

“Se adaptar” é um mergulho na alma humana. Na natureza mais profunda de uma família marcada não somente por uma perda, mas por várias perdas, distanciamentos, sofrimentos de quem viveu e de quem apenas sofreu as consequências de uma história ouvida pela “boca dos outros”. É uma metáfora sobre os encontros que cada um de nós temos com pessoas tão diferentes ao longo de nossa jornada de vida.

NOVO PODCAST DA Cultue

A Revista Cultue, dedicada à cobertura da cultura potiguar desde 2021, passa a ocupar um novo espaço no audiovisual. A partir da próxima segunda-feira 20, a produção estreia um podcast diário na TV Agora RN, com entrevistas, debates e conversas sobre a produção artística do Rio Grande do Norte. O programa será transmitido pelo canal da emissora no YouTube e terá apresentação da jornalista Nathallya Macedo, editora da revista.

A proposta é ampliar o alcance da cobertura cultural para além das páginas da publicação impressa. O podcast receberá artistas, produtores culturais, gestores, pesquisadores e personalidades da cena local e nacional para discutir lançamentos, políticas públicas, bastidores, festivais e os principais acontecimentos da cultura potiguar.

A chegada do programa representa uma nova etapa para a Cultue, que, nos últimos anos, consolidou uma cobertura voltada à produção artística do Estado. Desde o lançamento da revista, em 2021, a equipe acompanhou momentos importantes da cultura local, como a reabertura do Teatro Alberto Maranhão, a retomada das atividades no Forte dos Reis Magos, além de festivais, exposições, espetáculos e iniciativas que movimentam o setor.

À frente da produção, Nathallya Macedo tem uma trajetória marcada pela cobertura cultural e pelo jornalismo digital. Ao longo da carreira, participou de projetos voltados à valorização da produção artística potiguar, entre eles um e-book dedicado às vozes do jornalismo cultural no Estado, além de cobrir eventos como os festivais Mada e DoSol e entrevistar artistas de diferentes segmentos.

Ela conta que a aproximação com a cobertura cultural aconteceu nos primeiros anos da carreira, quando percebeu que havia pouco espaço para esse tipo de pauta nos veículos em que trabalhou. “Desde sempre, gosto de cultura pop, acompanho bastante esse cenário, e acredito que foi bem natural. Quando eu comecei a estagiar, não tinha tanto espaço para cobertura cultural, era mais jornalismo comunitário. Sugerir para o meu chefe começar a escrever sobre cultura e cobrir festivais, e foi assim que começou.”



A experiência reflete uma realidade recorrente no jornalismo regional, em que a cobertura cultural frequentemente divide espaço com temas considerados mais imediatos. Ao longo do tempo, no entanto, a aposta em acompanhar festivais, artistas e movimentos culturais contribuiu para fortalecer um espaço dedicado à produção potiguar.

Para a apresentadora, a chegada do podcast amplia esse movimento. “Por isso, mais um espaço como esse do podcast é relevante para democratizar e ampliar as talentosas vozes locais”, afirma Nathallya Macedo. A expectativa é aproximar o público dos protagonistas da cultura potiguar e ampliar o debate sobre um setor que segue em constante transformação.

O primeiro episódio vai ao ar na próxima segunda-feira 20, às 10h, no canal da TV Agora RN no YouTube.



AFRICORES

Por Izabelle Vicente

Na comunidade da África, localizada no bairro da Redinha, na zona Norte de Natal, a cultura hip-hop deixou de ser apenas uma expressão artística para se tornar uma ferramenta de educação, fortalecimento da identidade e transformação social. Há quase duas décadas, o educador popular, artista de grafite e MC, Miguel Nery Santos Silva, conhecido popularmente como Miguel Carcará, desenvolve ações culturais que mudaram a realidade de centenas de crianças, adolescentes e jovens da comunidade.

A iniciativa começou em 2006, quando Miguel percebeu a ausência de espaços destinados às atividades culturais na região. O objetivo inicial era simples: promover oficinas e apresentar os elementos da cultura hip-hop para as crianças do bairro. Com o passar dos anos, as ações ganharam força e continuidade. Em 2013, foi criado o Movimento Cultural “Nossos Valores”, coletivo que passou a reunir artistas e moradores em torno da valorização da cultura periférica. Quatro anos depois, surgiu o Projeto “AfriCores”, consolidando um trabalho voltado à formação artística e à educação popular.

“O projeto surge justamente com a necessidade de ter atividades culturais na Redinha, na comunidade da África. Não existia nada desse tipo. A ideia era desenvolver oficinas e apresentar o hip-hop para a molecada”, relembra Miguel.

Hoje, o AfriCores oferece oficinas de break, grafite, tranças afro, fotografia e audiovisual. Mas a atuação vai além das salas de aula. O projeto promove festivais de dança e música, apresentações de DJs, mutirões de grafite com mais de 50 artistas convidados e diversas atividades que movimentam a comunidade ao longo do ano.

Segundo Miguel, o crescimento da participação popular

demonstra o reconhecimento do trabalho desenvolvido. “Cada ano que passa a gente vê uma adesão maior das pessoas. Isso representa desenvolvimento. As pessoas respeitam o que fazemos e querem participar.”

Mais do que ensinar técnicas artísticas, o projeto trabalha a autoestima e o reconhecimento das raízes culturais da população negra. Para o educador, o hip-hop carrega uma estética própria que fortalece a identidade de quem participa. “Quando a gente fala de ancestralidade, fala também da autoestima. O hip-hop já traz uma autoestima poderosa. Está nas cores do grafite, na música, na dança, no cabelo, no jeito de falar. Tudo isso fortalece as pessoas.”

Ressignificando a comunidade

O Movimento Cultural “Nossos Valores” nasceu com um objetivo claro: combater a imagem negativa que a comunidade da África recebia da imprensa local. Na época, segundo Miguel, o território era frequentemente associado apenas à violência, criminalidade e conflitos, invisibilizando as histórias positivas construídas pelos moradores. “O nome Nossos Valores surgiu justamente para mostrar os valores que existiam ali através da arte.” O próprio nome AfriCores também carrega esse significado simbólico. A proposta é apresentar uma nova narrativa sobre a comunidade, marcada pela arte, pela diversidade e pela beleza. “O projeto vem colorindo a comunidade da África, trazendo movimentação cultural e valorização da nossa identidade.”

A história de transformação do AfriCores também passa pela trajetória do próprio fundador. Miguel conta que conheceu a cultura hip-hop ainda adolescente e encontrou nela uma oportunidade de aprender e ensinar ao mesmo tempo. Essa experiência despertou sua vocação como educador, levou-o à

formação em Pedagogia e ao aprofundamento em áreas como elaboração de projetos e captação de recursos.

Hoje, jovens que participaram das primeiras oficinas retornam como colaboradores e educadores do próprio projeto. “Alguns cresceram dentro do projeto e hoje trabalham com a gente. A transformação acontece todos os dias.” Segundo ele, essa continuidade representa um dos maiores resultados alcançados pela iniciativa: formar pessoas capazes de multiplicar conhecimento e contribuir para o desenvolvimento da própria comunidade.

Nos últimos anos, o AfriCores ampliou sua rede de apoiadores, contando com empresas, parlamentares e recursos provenientes de editais públicos. Entre os principais parceiros está a Neoenergia Cosern, que contribui para a realização de diversas ações culturais e amplia a visibilidade do projeto. Além disso, iniciativas financiadas por editais estaduais e federais e pela Lei Câmara Cascudo têm possibilitado a continuidade das atividades. Segundo Miguel, cada parceria representa mais do que investimento financeiro: significa reconhecimento da importância do trabalho desenvolvido dentro da comunidade.





CASA DO ROCK

Por Isabelly Noemi

A Casa do Rock, espaço cultural independente de Parnamirim dedicado à música autoral e à cena underground potiguar, ampliou um projeto de formação voltado a bandas independentes e transformou o conteúdo das oficinas promovidas neste ano no podcast Amplifica!, disponível gratuitamente no YouTube. A iniciativa busca levar orientações sobre gestão de carreira, comunicação, empreendedorismo cultural e organização profissional para artistas que atuam no mercado da música.

O podcast é um desdobramento da incubadora de bandas criada pela Casa do Rock, projeto desenvolvido com apoio do Sebrae/RN por meio do Edital de Economia Criativa 2026. Entre maio e junho, foram realizadas oficinas práticas que reuniram 44 participantes e contaram com profissionais como Ceci Oliveira, Leandro Neanderthal e Ana Morena.

Segundo Edo Sadística, coordenadora da Casa do Rock, o projeto surgiu da necessidade de enfrentar problemas identificados ao longo da atuação do espaço cultural. O primeiro deles apareceu ainda no período pós-pandemia. "A gente abriu a Casa do Rock quase que emergencialmente. A gente tinha um sonho de ter um espaço cultural, mas o que deu urgência foi a falta de lugar para tocar. Tinha acabado a pandemia e não existiam espaços para as bandas se apresentarem".

Com o passar do tempo, outras demandas passaram a aparecer. Além da necessidade de ampliar os palcos para apresentações, a equipe identificou dificuldades relacionadas à gestão das bandas, ao financiamento de projetos

e à formação de redes de colaboração entre artistas.

"A gente vai percebendo várias outras necessidades e atuando nelas. Quanto mais a gente faz, mais percebe que a carência é muito maior do que imaginava". A incubadora de bandas nasceu justamente deste processo. De forma espontânea, grupos musicais passaram a se identificar como "bandas da Casa do Rock", levando a equipe a estruturar uma metodologia de acompanhamento mais próxima. Atualmente, sete bandas participam do projeto.

Foi a partir dessa experiência que surgiu a ideia de formalizar as ações de formação. "A troca de conhecimento sempre existiu na Casa do Rock, mas nunca tinha sido organizada dessa forma. O Amplifica formalizou esse processo e reuniu profissionais que são referência em suas áreas para tratar de documentação, comunicação, sustentabilidade e gestão de carreira", explica Edo.

Do encontro presencial ao podcast

As oficinas foram pensadas para um grupo reduzido, permitindo um acompanhamento mais aprofundado das bandas incubadas. Para ampliar o alcance do conteúdo, a equipe decidiu transformá-

-lo em episódios de podcast.

"O processo natural foi levar esse conhecimento para o audiovisual. Assim a gente consegue alcançar muito mais pessoas sem perder completamente a profundidade das discussões. Os podcasts são mais introdutórios que as oficinas, mas oferecem direcionamentos importantes".

Entre os temas abordados estão documentação para projetos culturais, comunicação estratégica, empreendedorismo, sustentabilidade financeira e organização profissional. Na avaliação da coordenadora, a experiência prática compartilhada pelos convidados foi um dos aspectos que mais chamou a atenção dos participantes.

"As pessoas não estavam ouvindo apenas teoria. Eram profissionais contando como construíram suas trajetórias, o que deu certo, o que não funcionou e dividindo esse conhecimento de forma muito generosa."

Fortalecimento da cena

Para Edo Sadística, um dos principais obstáculos enfrentados por artistas independentes continua sendo a falta de acesso a conhecimentos relacionados à gestão da carreira. "Quando o ar-

tista não tem acesso a essas informações, acaba ficando refém da imagem de sucesso que a indústria vende. Parece que só existe um caminho possível, quando, na verdade, existem diversas formas de construir uma trajetória."

Ela afirma que o objetivo do podcast é justamente contribuir para que músicos estejam mais preparados para aproveitar as oportunidades que surgem. "Existe a consciência de que estamos ajudando a construir um mercado. Quanto mais informação, técnica e capacidade de autogestão as bandas tiverem, melhores serão as condições de aproveitar essas oportunidades e fortalecer a música autoral potiguar."

Além da formação de artistas, a Casa do Rock também busca consolidar seu papel como articuladora da cena independente no Rio Grande do Norte. A coordenadora afirma que o espaço passou a ser reconhecido como um ponto de referência, mas ressalta que o fortalecimento do setor depende da atuação conjunta de diferentes coletivos, produtores e espaços culturais.

"O desenvolvimento da cena não depende de um único espaço. A gente precisa de mais palcos, mais iniciativas e mais pessoas construindo isso coletivamente."

Entre os próximos passos, a prioridade é ampliar o diálogo com a própria comunidade de Parnamirim. "A gente já tem uma circulação muito boa dentro da cena, inclusive com pessoas de outros estados, mas ainda precisa crescer para dentro da cidade. Esse é um dos nossos principais desafios hoje."

Os episódios do Amplifica! estão disponíveis gratuitamente no canal da Casa do Rock no YouTube.



Cultue

Cultue

Por Rebecca Alves

O que começou como uma ideia amadurecida durante o isolamento provocado pela pandemia da Covid-19 transformou-se em um projeto que pretende registrar parte da história da música negra produzida no Rio Grande do Norte. A série audiovisual Música Preta Potiguar, lançada no YouTube, reúne apresentações musicais gravadas em estúdio e entrevistas com artistas da cena independente para documentar não apenas suas canções, mas também as histórias, referências e processos criativos que moldam suas trajetórias.

Idealizado pelo produtor cultural Diego Andrade, o projeto surgiu da percepção de que, embora exista uma produção musical negra ampla e presente em diferentes estilos, muitos desses artistas ainda encontram menos espaço para circulação, reconhecimento e registro de suas obras. A proposta, segundo ele, foi além da criação de uma série de performances: tornou-se uma tentativa de construir memória.

“A ideia do Música Preta Potiguar nasceu ainda durante a pandemia. Guardei esse projeto por um tempo e, aos poucos, fui compartilhando a proposta com algumas pessoas. Em meio ao cenário difícil daquele período, surgiu a oportunidade de realizar uma versão reduzida da ideia, em 2021, por meio de um selo de música independente que hoje já não existe mais. Aquela experiência mostrou que o projeto era possível, mas, por falta de oportunidades e de recursos, ele acabou ficando em pausa até que, finalmente, conseguimos tirá-lo do papel da forma como sempre imaginamos”, conta.

O produtor afirma que acompanha há anos a cena musical potiguar e viu na iniciativa a oportunidade de direcionar o olhar para artistas negros, reunindo diferentes linguagens musicais em um mesmo espaço.

“Sempre acompanhei e consumi a cena musical potiguar e, quando surgiu a oportunidade de desenvolver um projeto voltado para a música, senti que fazia sentido colocar os artistas negros no centro dessa narrativa. Temos inúmeros artistas negros produzindo em diferentes estilos e linguagens, mas ainda existe uma desigualdade estrutural que faz com que muitos deles tenham menos oportunidades, menos visibilidade e menos reconhecimento do que artistas brancos. Muitas vezes, essa diferença é tão naturalizada que passa despercebida pelo público, pelos produtores e até pelos próprios artistas.”

Segundo Diego, a escolha do nome também faz parte dessa proposta. Em vez de apresentar apenas uma série sobre música independente, o projeto assume explicitamente o recorte da produção negra potiguar.

“Era importante porque o projeto não busca apenas documentar artistas independentes, mas evidenciar a contribuição e construção da música produzida no Rio Grande do Norte. Nomear essa identidade é uma forma de dar visibilidade a trajetórias que historicamente receberam menos espaço nos meios de comunicação, reconhecendo suas referências estéticas, culturais e ancestrais.”

Para ele, reconhecer essa identidade também fortalece o sentimento de pertencimento entre artistas e público e contribui para preservar parte da memória cultural do Estado.

“O projeto fortalece o sentimento de pertencimento entre artistas e público, amplia o debate sobre representatividade e contribui para a preservação da memória cultural do estado. Em vez de tratar os participantes apenas como integrantes da cena indepen-



ERICK ALLAN

MÚSICA NEGRA NO RN

dente, o projeto valoriza a riqueza, a diversidade e o protagonismo da produção musical negra potiguar.”

O conceito da série não aparece apenas diante das câmeras. A equipe técnica foi formada majoritariamente por profissionais negros das áreas de audiovisual, música e produção cultural.

Para Diego Andrade, essa decisão faz parte da narrativa construída pelo projeto. “Essas escolhas refletem a própria diversidade da música preta potiguar. Reunir artistas de diferentes sonoridades demonstra que a produção musical potiguar é plural e não pode ser reduzida a um único estilo. O ponto de encontro entre eles é a identidade, a trajetória e a contribuição para a cultura do estado.”

Ele acrescenta que o mesmo princípio orientou a formação da equipe. “Contar essa história com uma equipe formada em sua maioria por profissionais negros reforça que eles também

ocupem lugares de criação, decisão e liderança nos bastidores. Isso amplia as oportunidades para esses profissionais e contribui para que as narrativas sejam construídas a partir de vivências e referências que dialogam diretamente com o universo retratado, valorizando talentos diante e atrás das câmeras”

Responsável pelo roteiro e pelas entrevistas, Erick Allan explica que as gravações buscaram fugir do formato convencional de divulgação artística. A intenção era compreender como cada músico construiu sua trajetória e quais experiências atravessam sua produção.

“Como responsável pelas entrevistas e pelo roteiro, procurei conduzir conversas que permitissem aos artistas compartilhar suas origens, a construção de suas trajetórias, suas referências e os caminhos que desejam seguir. Meu objetivo era ir além da música e compreender também as experiências que

moldam suas carreiras.”

Ao longo das conversas com Jennifer C., Sourebel e Gracinha, um tema apareceu repetidamente. “O que mais apareceu nas entrevistas foi a ideia de que ser um artista negro potiguar é estar em um processo constante de resistência. Cada um tem uma trajetória muito particular, mas todos falaram, de alguma forma, sobre a necessidade de construir espaços para si, porque esses espaços nem sempre estão dados.”

Segundo Erick, outro aspecto recorrente foi a forma como os artistas enxergam a própria criação. “Também me chamou atenção como a arte surge não apenas como profissão, mas como uma forma de sobrevivência, de cura e de afirmação da identidade. Eles falam sobre fazer música para existir, para contar suas histórias e para fortalecer outras pessoas negras que vêm depois.”

A percepção também foi compartilhada por Diego Andrade após acompanhar todas as gravações. “Cada conversa trouxe perspectivas muito particulares, mas todas convergiram para um ponto em comum: a potência da música preta potiguar e os desafios enfrentados por quem constrói essa trajetória no estado. Os relatos evidenciaram como a arte está profundamente ligada às suas vivências, às suas identidades, aos territórios de onde vêm e às suas formas de resistência.”

Um acervo para o futuro

Mais do que encerrar uma primeira temporada, os idealizadores afirmam que pretendem transformar o Música Preta Potiguar em um registro permanente da produção musical negra do Estado.

“A intenção é transformar o Música Preta Potiguar em um acervo permanente da música negra produzida no estado, registrando artistas, sonoridades e histórias que ajudam a compor a identidade cultural potiguar, articulando as linguagens do audiovisual, da música e do documentário musical para registrar performances ao vivo, trajetórias artísticas e processos criativos”, afirma Diego.

Segundo ele, ampliar a circulação dessas produções também pode criar novas oportunidades para os artistas. “Acreditamos que difundir essa produção é uma forma de fortalecer o presente e construir o futuro da música preta no Rio Grande do Norte, incentivando que mais artistas ocupem espaços e que suas histórias sejam reconhecidas como parte fundamental da cultura potiguar.”

Erick Allan diz que a equipe vê a primeira temporada como um ponto de partida. “Encerramos esta primeira temporada com a sensação de que conseguimos criar um material importante, tanto pela qualidade técnica quanto pelo registro histórico que ele representa. Mas, para nós, esse é apenas o começo.”

A expectativa é ampliar o projeto nas próximas edições. “Nosso desejo é que o projeto continue crescendo e inspirando outras iniciativas. Não apenas que mais pessoas negras se sintam incentivadas a produzir arte, mas também que o público passe a conhecer, consumir e valorizar cada vez mais a música preta potiguar.”

A primeira temporada reúne três episódios, lançados semanalmente no YouTube. Participam da série a DJ, rapper, produtora musical e performer Jennifer C., a banda Sourebel, que une reggae e influências afro-nordestinas, e a cantora, compositora e multi-instrumentista Gracinha. O projeto foi realizado por meio do Edital de Fomento ao Audiovisual e Jogos Eletrônicos, com recursos da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB).



Galeria Newton Navarro

Por Belita Lira

Poucos artistas estabeleceram uma relação tão profunda e íntima com Natal quanto Newton Navarro. O escritor potiguar Sanderson Negreiros descreveu as obras do amigo como uma projeção de sua alma natalense carregada de paixão. “Suas ruas, seus becos, suas esquinas, o mar e o rio riscam-se de encanto e fixam-se em nós como que sobrelevado”, escreveu em 1968. E não há definição melhor do que essa. Navarro parecia estender seu espírito e derramar todo seu ser em tudo que se propunha a criar.

Em pinturas, poemas, crônicas e peças teatrais, ele transformou o rio Potengi, a Cidade Alta, a Ribeira, os pescadores, os vaqueiros e o cotidiano da capital em matéria-prima de uma produção que ajudou a construir a identidade cultural do Rio Grande do Norte.

Agora, sua obra volta a ser contemplada e reconhecida com a reabertura da Galeria Newton Navarro, mais de três décadas após sua última exposição no espaço. Reinaugurada no dia 9 de julho, após uma ampla requalificação realizada pela Prefeitura do Natal, a galeria recoloca suas obras no centro da cena artística, permitindo que Navarro volte a ocupar o espaço que sempre lhe pertenceu.

Instalada na Fundação Capitania das Artes (Funcarte), no Centro Histórico da cidade, a galeria reabre com uma mostra que apresenta cerca de 60 obras provenientes de acervos públicos, institucionais e coleções particulares, reunindo diferentes fases da produção do artista. O percurso também incorpora nove cadernos originais de rascunhos, livros, reportagens, seis obras animadas e entrevistas raras concedidas por Newton Navarro ao Museu da Imagem e do Som de São Paulo, na década de



CANINDÉ SOARES



1980, e ao programa Memória Viva.

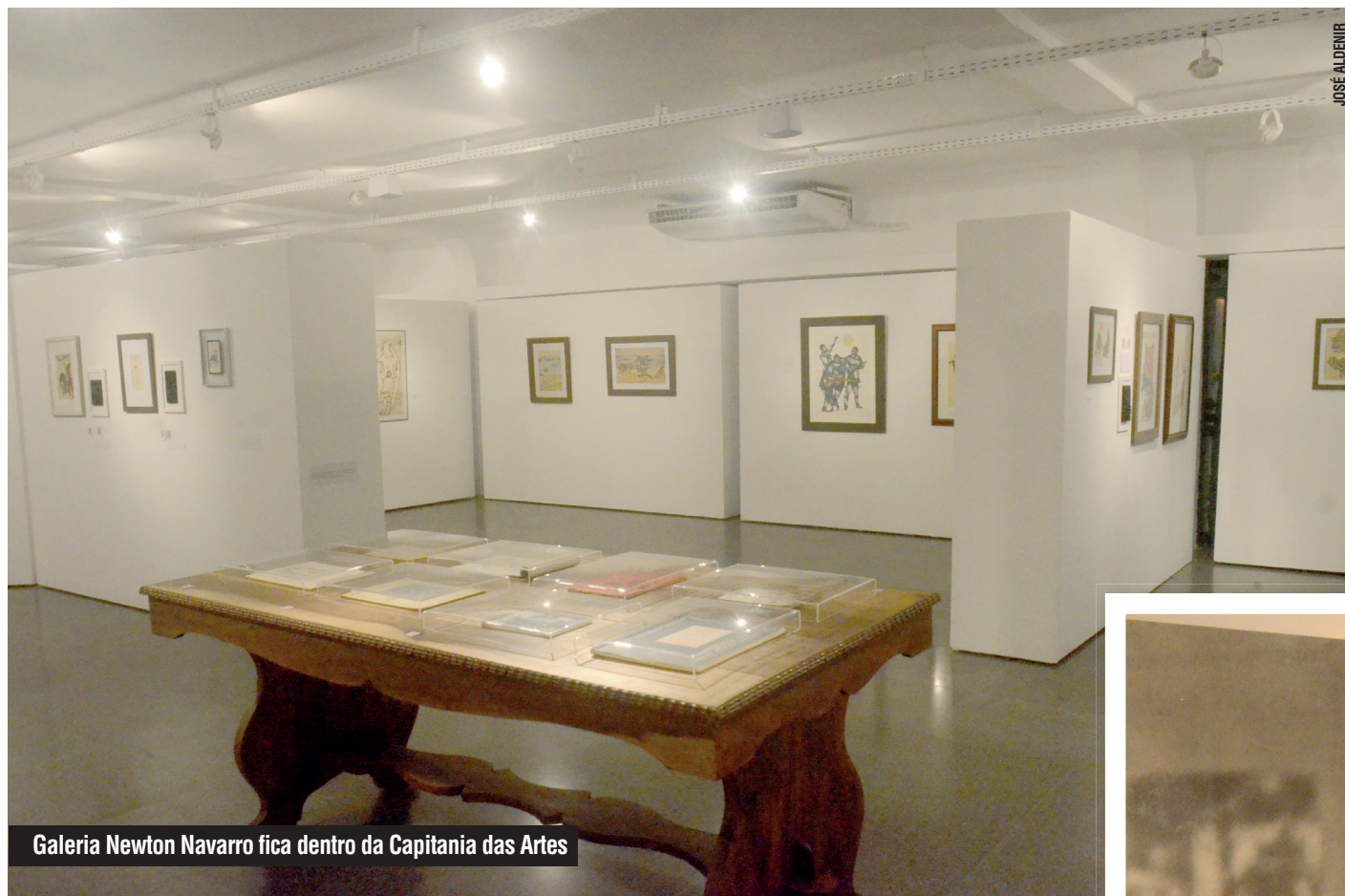
Durante anos, a Galeria Newton Navarro permaneceu como um dos espaços mais simbólicos — e, ao mesmo tempo, mais silenciosos — da produção artística potiguar. No coração da Cidade Alta, ela acompanhou transformações urbanas, viu o Centro Histórico perder parte do seu movimento cotidiano e passou décadas sem receber uma intervenção estrutural capaz de prepará-la para os desafios da produção contemporânea.

A reforma foi viabilizada com recursos da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB), do Ministério da Cultura. O espaço recebeu nova climatização, sistema de iluminação cênica e técnica, expositores, reserva técnica e adaptações voltadas à acessibilidade, permitindo receber mostras de diferentes formatos e dimensões.

Para a presidente da Funcarte e secretária municipal de Cultura, Iracy Azevedo, a intervenção ultrapassa a recuperação física do prédio e representa uma atualização completa do funcionamento da galeria. “Há 31 anos foi feita a última exposição de Newton Navarro aqui e durante esse período ela não passou por intervenções severas de recuperação da rede hidráulica, da rede elétrica, toda a parte de cobertura.”

Segundo ela, o projeto buscou preparar o espaço para atender aos padrões exigidos por exposições contemporâneas. “Ela precisava ser revista não só do ponto físico, como também do corpo, da gestão funcional de uma exposição. Todos esses expositores, toda a parte de iluminação cênica, iluminação de serviço e pontual, passou pela mão de pessoas preparadas para essa finalidade. A galeria hoje pode receber qualquer tipo de exposição, qualquer tipo de vernissage, seja nacional, internacional ou local, com qualidade, com acessibilidade.”

A acessibilidade tornou-se um dos eixos da requalificação, até porque a cultura só cumpre plenamente seu papel quando pode ser vivenciada por todos. A exposição incorpora recursos em braile e experiências sensoriais, ampliando o acesso ao acervo para diferentes públicos. Dez obras contam com versões sensoriais, ficha técnica em braile e audiodescrição. Além disso, foi criado o sinal de “Navarro” em Libras. A mostra é considerada uma das primeiras de Natal a reunir esse conjunto de recursos de acessibilidade.



Galeria Newton Navarro fica dentro da Capitania das Artes

A curadoria da mostra foi conduzida por Sanzia Pinheiro, em parceria com Daniela Brito. Durante meses, as pesquisadoras percorreram instituições públicas, coleções privadas e acervos particulares em busca de obras que permitissem apresentar Newton Navarro em toda a sua amplitude. “Nós passamos seis meses pesquisando em instituições, em coleções particulares, nos colecionadores da cidade, estudando esse material e pensando como que iríamos disponibilizar ele no espaço expositivo, quais eram as obras que tinham diálogo e conseguiam constituir um corpo com força suficiente para sensibilizar as pessoas que vêm visitar a nossa exposição”, conta Sanzia.

Ao invés de limitar o percurso às artes visuais, a exposição procura revelar a diversidade criativa de Navarro. “Newton Navarro apresenta a Arte Moderna na cidade, em 1949. Nós apresentamos esse artista na sua multiplicidade, porque ele não foi só um artista visual, ele foi um escritor, ele também é um dramaturgo”, explica a curadora.

A produção literária de Newton Navarro também ocupa o espaço expositivo, distribuída em fragmentos de poemas e textos que dialogam diretamente com suas pinturas. “Tem algumas frases que estão soltas pelo espaço [...] A produção literária dele está muito vinculada com a produção visual, porque você encontra construção de imagens tanto na literatura quanto na pintura”, explica Sanzia.

Logo na entrada da galeria, uma das paredes recebe o poema “Ribeira”, publicado no livro de crônicas Guia Sentimental da Cidade de Natal (1984), no qual o artista transforma o bairro em metáfora da partida e da saudade: “É terra das despedidas, / Chão das partidas, / A quantos a viajar, / Nesse trem das madrugadas, / Ou neste porto do rio.” A presença desses trechos aproxima o visitante do universo de Navarro e faz com que cada

espaço da galeria reúna, em um mesmo ambiente, pintura, poesia e memória.

Segundo Sanzia, a proposta curatorial foi evidenciar que a obra de Newton Navarro permanece atual, mesmo décadas após sua produção. “Como ele é um artista dos anos 40, nós queremos trazer essa atualidade dele, porque, como um artista moderno, ele é uma modernidade regionalista. A gente traz os vaqueiros, o mar, e Newton vai ser um dos responsáveis por construir essa identidade.”

Para construir esse percurso, a pesquisa contou com a colaboração da curadora Daniela Brito, cujo conhecimento sobre coleções particulares foi decisivo para reunir parte das obras. “Foi uma maravilha trabalhar com Daniela Brito. É uma pessoa que contribui demais na constituição desse trabalho, porque é um processo muito intelectual. Ela conhecia muitos colecionadores e onde estavam essas coleções privadas, que eu não conhecia”.

O artista que desenhou Natal

Nascido em Natal em 8 de outubro de 1928, Newton Navarro estabeleceu, desde a infância, uma relação profunda com a paisagem potiguar. O convívio diário com o litoral, os rios, os pescadores e as manifestações da cultura popular alimentou sua imaginação e moldou sua sensibilidade artística. Dessa vivência nasceu um universo estético singular, marcado por símbolos, cores e personagens que atravessaram sua obra e se tornaram uma das marcas mais reconhecíveis de suas produções.

Muito antes do conceito de artista multimídia se popularizar, Newton já transitava entre diferentes linguagens. Foi artista plástico, poeta, dramaturgo, cronista, contista e professor, tornando-se um dos pioneiros na introdução da estética modernista nas artes visuais do Rio Grande do Norte. Como cronista, escrevia para jornais locais com o olhar sempre voltado para os acontecimentos cotidianos, as transformações urbanas e a vida das pessoas comuns.

Sua formação artística também dialogou com alguns dos principais nomes da arte brasileira e internacional. Estudou pintura com Lula Cardoso Ayres, frequentou o ateliê de Hélio Feijó, no Recife, aperfeiçoou-se em gravura com Oswaldo Goeldi e aprofundou seus estudos em pintura com André Lhote. Essa formação ampliou seu repertório sem afastá-lo das raízes potiguares, que permaneceram como principal matéria-prima de sua criação.

Além da produção artística, Navarro teve papel decisivo na formação da cena cultural potiguar. Fundou a Escolinha de Arte Cândido Portinari, em Natal, dirigiu a Galeria de Arte da Prefeitura e realizou exposições em cidades como Recife, Rio de Janeiro, Lisboa, Paris e Washington, levando a produção potiguar para além das fronteiras do estado e do país.

Na década de 1960, durante o movimento das “Praças da Cultura”, promovido pelo então prefeito Djalma Maranhão, destacou-se como um dos principais articuladores da vida cultural da capital. Organizou exposições coletivas, incentivou novos artistas e ajudou a criar espaços voltados à difusão das artes visuais, da literatura e da produção cultural local, consolidando-se como uma das figuras centrais da modernização artística do Rio Grande do Norte.

Essa relação afetiva com Natal atravessa toda a sua obra. Em pinturas e textos, Newton não apenas retratou a cidade, mas ajudou a construir uma maneira de enxergá-la. A Cidade Alta, o Potengi, o mar e seus personagens transformaram-se em símbolos recorrentes de uma produção que buscava registrar a memória, os costumes e a identidade potiguar. Essa conexão aparece sintetizada no poema “Cidade Alta”, publicado em Guia Sentimental da Cidade de Natal (1984): “Terno coração de pedra, / mas, / pedra de sentimento, / que de tanto amor / em duro granito se tornou.” Não por acaso, a escolha do Centro Histórico para sediar a galeria que leva seu nome reforça o vínculo entre sua obra e os lugares que inspiraram sua criação.

Para Iracy Azevedo, a exposição representa um reconhecimento que demorou décadas para acontecer. “Nós estamos homenageando o homem, o artista, o poeta, o escritor e o dramaturgo que mais amou Natal. Isso é uma homenagem por tudo que ele fez para Natal, pela sua obra que representa diuturnamente a cidade que ele amou. [...] É um reconheci





JOSÉ ALDENIR



VICTOR SANTOS



VICTOR SANTOS

mento que Natal precisa prestar a esse grande artista. Além de trazê-lo para perto da gente, é uma homenagem merecida, respeitosa e já atrasada.”

Newton Navarro morreu em 8 de março de 1992, em Natal, sem deixar filhos, mas deixou uma herança artística que permanece presente na memória da cidade. Em 2007, seu nome passou a batizar a ponte que liga a Zona Norte ao restante da capital, um dos principais cartões-postais de Natal. A homena-

gem simboliza a ligação permanente entre o artista e a cidade que ele retratou durante toda a vida. Hoje, seu legado permanece vivo em pinturas, poemas, crônicas e desenhos que continuam revelando diferentes formas de olhar para Natal. Com a reabertura da Galeria Newton Navarro, esse patrimônio artístico volta a ocupar um espaço dedicado à sua preservação e difusão, permitindo que novas gerações conheçam aquele que ajudou a desenhar, em palavras e imagens, a identidade cultural potiguar.

Cultura como política para o Centro Histórico

As portas da Galeria Newton Navarro voltaram a se abrir, e o gesto ultrapassa a retomada de um espaço cultural. Em um dos trechos mais antigos de Natal, onde casarões, fachadas e ruas carregam parte da memória da capital, a reabertura da galeria integra uma política que aposta na cultura como instrumento de ocupação permanente do Centro Histórico. Mais do que restaurar edifícios, a proposta busca devolver circulação de pessoas, ampliar o acesso ao patrimônio e incorporar a produção artística à rotina da cidade.

A estratégia faz parte de um conjunto de intervenções conduzidas pela Prefeitura do Natal para recuperar espaços culturais. Depois da Galeria Newton Navarro, a previsão é concluir ainda este ano as obras do Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão, na Ribeira, além de intervenções no espaço destinado ao Balé da Cidade. A ideia, segundo Iracy Azevedo, é criar uma sequência de equipamentos públicos em funcionamento contínuo, capazes de manter o Centro Histórico em atividade durante diferentes períodos do dia.

“Terminando aqui, vamos para o balé e seguidamente para o museu. Então, isso é revitalizar através de ações produtivas e contundentes, vibrantes e que podem ser utilizadas diuturnamente”, conta.

Para Iracy, museus, galerias e centros culturais exercem uma função que vai além da preservação artística. Eles também atuam como elementos de transformação urbana, estimulando a permanência de moradores, visitantes e turistas em uma área que há décadas enfrenta esvaziamento.

“A Cidade Alta faz parte do Centro Histórico que todo mundo está lutando para reviver. A Funcarte é um prédio tombado e, abrindo a galeria hoje, a gente coloca à disposição do turista e do natalense um espaço para ser visitado e para que o Centro volte a ter movimento.”

A ocupação cultural também passa pela formação de novos públicos. Entre as ações previstas está um programa de visitas voltado para estudantes das redes municipal e estadual de ensino. “Nós estamos fazendo uma programação com as escolas municipais e estaduais para que visitem. Primeiro, o Centro Histórico como Centro Histórico. Segundo, com a galeria como instrumento de educação e cultura”, conta a secretária de Cultura.

Segundo Iracy, a experiência pretende aproximar os alunos da produção artística potiguar e da história da cidade. “Para que eles saibam o que são artes visuais, saibam quem foi Navarro, saibam que existe uma cidade que eles não conhecem, que é a cidade histórica de Natal.”

A relação entre patrimônio e desenvolvimento também é defendida pelo secretário municipal de Turismo, Sanclair Solon. Para ele, a reabertura da Galeria Newton Navarro representa um movimento que aproxima cultura, economia criativa e atividade turística, seguindo uma lógica adotada por cidades que transformaram seus centros históricos em polos permanentes de visitação.

“A Galeria Newton Navarro representa muito mais do que a inauguração de um novo equipamento cultural; ela simboliza um passo estratégico na revitalização do Centro Histórico de



VICTOR SANTOS

Iracy Azevedo é secretária de Cultura de Natal

Natal e na consolidação de um modelo de turismo que valoriza a identidade e a memória da cidade. Os grandes destinos turísticos do mundo compreenderam que preservar o patrimônio histórico e investir em cultura é também promover desenvolvimento econômico, fortalecer a economia criativa e ampliar a experiência dos visitantes. É exatamente essa visão que buscamos para Natal”, conta.

Segundo o secretário, a escolha de Newton Navarro como patrono do espaço também fortalece a identidade cultural da capital. “Ao homenagear um dos maiores artistas potiguares, cuja obra retrata com sensibilidade nossa paisagem, nosso povo e nossas tradições, a galeria reforça o sentimento de pertencimento dos natalenses e cria um novo atrativo para quem deseja conhecer a história e a riqueza cultural da capital.”

Sanclair Solon avalia que a ocupação permanente dos equipamentos culturais também produz reflexos econômicos sobre o entorno, ampliando a circulação de pessoas e beneficiando diferentes segmentos ligados ao turismo.

“Além de fomentar exposições, eventos e atividades artís-

ticas, o espaço contribui para aumentar o fluxo de pessoas na Ribeira e na Cidade Alta, impulsionando restaurantes, comércio, artesanato e os diversos profissionais que integram a cadeia produtiva do turismo. A revitalização do Centro Histórico passa, necessariamente, pela ocupação qualificada de seus espaços e pela valorização da cultura como instrumento de transformação urbana.”

A percepção é compartilhada pelo presidente da Associação dos Empresários do Bairro do Alecrim (AEBA), Matheus Feitosa, que vê na reabertura uma oportunidade de ampliar o acesso da população a um patrimônio artístico que permaneceu por anos distante do público. “É um espaço tão importante, que há décadas existe, valorizando a cultura de Newton Navarro. A gente consegue aprender ainda mais sobre as nossas raízes e sobre a nossa cidade.”

Ele observa que parte significativa das obras pertence ao acervo da Prefeitura, mas permanecia pouco conhecida pelos próprios natalenses. “Tudo isso que está sendo exposto aqui é um acervo da Prefeitura e que muitas vezes a gente não tem acesso.”

Para Manoel Onofre Neto, membro do Conselho Estadual de Cultura, a reabertura reposiciona a galeria como um espaço de referência para as artes visuais no estado. Segundo ele, a exposição inaugural reúne obras provenientes de coleções públicas e privadas que ajudam a apresentar diferentes fases da trajetória de Newton Navarro. “Natal e Rio Grande do Norte ganham um novo espaço, que não é tão novo assim, mas aparece repaginado, aparece com força e com a força de Newton Navarro.”

Ele acrescenta: “Aliás, o patrono da galeria, Newton Navarro, é o próprio artista, que reabre em grandessíssimo estilo, juntando o que há de melhor do artista, de coleções privadas e públicas, numa amostra significativa da trajetória desse que, sem dúvida, é um dos maiores artistas do Rio Grande do Norte.”

Aberta de terça-feira a domingo, das 9h às 16h, com entrada gratuita, a Galeria Newton Navarro retoma sua função como espaço permanente das artes visuais em Natal. Ao reunir preservação patrimonial, pesquisa curatorial, acesso público e programação cultural, o equipamento volta a integrar o cotidiano do Centro Histórico, reforçando uma política que utiliza a cultura como instrumento de preservação da memória. Em uma cidade que busca revitalizar seu Centro Histórico, a galeria devolve à Cidade Alta um espaço de convivência e memória.

COR COMO LINGUAGEM

Por Rebecca Alves

Ainda criança, em Caicó, Ariell Guerra já ocupava um lugar conhecido entre colegas de escola: era a menina que desenhava. O interesse pela arte surgiu cedo, mas demorou a ser compreendido como uma possibilidade de carreira. Foi apenas durante a graduação em Arquitetura que a artista visual potiguar encontrou o caminho que a levaria à pintura e, mais tarde, aos murais e às artes digitais.

Hoje, Ariell reúne em sua produção telas, intervenções urbanas e ilustrações digitais, em uma linguagem que transita entre o figurativo e o abstrato. As obras carregam referências da cultura nordestina, da memória afetiva e de experiências pessoais, mas deixam espaço para que cada observador construa a própria interpretação.

“Desde a infância eu tinha vontade de trabalhar com arte, mas eu não entendia que poderia ser um trabalho em si, uma fonte de renda, porque a gente era meio distante da arte como profissão”, conta. A escolha pela Arquitetura surgiu justamente pela proximidade com a criação artística. “Dentro da arquitetura que eu me encontrei nesse caminho de trabalhar diretamente com arte.”

Embora trabalhe com diferentes suportes, Ariell define sua pro-



dução como um figurativo que dialoga com a abstração. As figuras presentes em suas pinturas são reconhecíveis, mas não aparecem de forma literal, permitindo diferentes leituras.

“Eu ilustro o que eu quero, mas eu não coloco de forma tão literal. Então o observador pode ter ideias diferentes do que está lá na tela, no mural ou na arte digital.”

Essa liberdade também está presente nos personagens que cria. Muitos deles apresentam traços andrógynos, escolha que nasceu de reflexões sobre a própria infância. A artista relembra que cresceu ouvindo que muitos dos interesses que tinha eram considerados “coisas de menino”. A experiência acabou influenciando sua produção.

“Os personagens foram ganhando essas formas andrógynas para justamente o personagem ter essa liberdade de ser quem ele quiser. Eu estou representando pessoas, humanos, e não um homem e uma mulher. Não tem caixinha nenhuma que caiba dentro desses personagens.”

A relação com as cores é um dos elementos mais marcantes da obra de Ariell. Ela atribui parte dessa identidade à vivência no Rio Grande do Norte e no Nordeste, onde afirma encontrar contrastes e tonalidades presentes no cotidiano.

A experiência de expor no exterior também ampliou sua percepção cromática. Durante uma viagem à Áustria, a artista diz ter observado diferenças na incidência da luz e na maneira como determinadas cores aparecem na paisagem.

“Quando a gente viaja e conhece culturas diferentes, locais em



que o sol bate diferente, as cores são outras, os contrastes são outros. Isso impactou muito a minha forma de mexer com a cor também.”

Para ela, cada deslocamento amplia o repertório visual e interfere diretamente no processo criativo. “Quanto mais a gente conhece e vivencia a experiência, mais isso influencia na obra que a gente cria.”

Embora tenha reconhecimento pelos murais que produz em espaços públicos, Ariell admite que a pintura em tela continua sendo sua forma favorita de criação. Ela explica que os murais transformam os ambientes e aproximam a arte das pessoas, mas exigem esforço físico intenso. Por conviver com doenças autoimunes, precisou reduzir esse tipo de trabalho.

“O mural muda a dinâmica do espaço, muda a dinâmica entre as pessoas. Acho o mural incrível por isso. Mas ele é muito cansativo.” Já a pintura em tela representa um momento mais íntimo. “A pessoa viaja muito pintando. Você está dentro do ateliê. É um espaço mais seguro. Eu me divirto muito fazendo.” Além das técnicas tradicionais, Ariell também trabalha com artes digitais, motivo pelo qual prefere ser apresentada como artista visual.

Entre as principais referências da artista estão nomes como o argentino naturalizado brasileiro Carybé, conhecido pela atuação em diferentes linguagens artísticas, e o muralista Rogério Pedro. Ela também cita Marc Chagall e David Hockney como inspirações pelo uso das cores e pela liberdade criativa.

Na música, o processo de criação costuma acontecer ao som de artistas como Maria Bethânia e da potiguar Juliana Linhares. “Sempre escuto música pintando.”

Para Ariell, uma das maiores dificuldades da carreira não está na criação, mas na necessidade de administrar o próprio trabalho. Ela afirma que, no início da trajetória, enfrentou resistência de clientes ao apresentar contratos para formalizar encomendas. “As pessoas querem muito rebaixar o que você faz para você não conseguir cobrar.”

Segundo a artista, reconhecer o valor da produção artística passa por compreender que uma obra envolve custos de materiais, aluguel de ateliê, estudo e anos de formação. “Não é sentar e vou desenhar aqui e vai sair. É um trabalho que tem anos e anos sendo desenvolvido e ele precisa ser respeitado como tal.”

Ela também defende que cada obra mantenha sua identidade e finalidade originais, evitando reproduções indiscriminadas. “Tudo que sai do ateliê é uma obra de arte. Eu dou muito respeito ao que faço e não quero que o que faço seja desmembrado.

Apesar de viajar frequentemente para projetos em diferentes estados e países, Ariell mantém base em Natal. Entre os planos para o futuro está ampliar a presença de seu trabalho fora do Rio Grande do Norte, sem perder a conexão com a formação potiguar.

Outro objetivo é continuar aproximando crianças da produção artística brasileira. “Tem muita escola pública e particular que pega o trabalho como base para criança trabalhar. Isso me enche o peito de alegria.”

“Quero continuar fazendo isso para que seja motivo de inspiração para a criança ver: ‘tem artista brasileiro, posso trabalhar com isso aqui também. Isso aqui está ao meu alcance’”

Nas redes sociais, Ariell também compartilha parte desse contato com o público. Em uma das publicações, mostrou uma atividade desenvolvida por alunos de uma escola, que produziram releituras de suas obras.

Cada criança criou uma versão inspirada em seu trabalho e escreveu um pequeno texto explicando a produção, reunidos em uma instalação apresentada durante uma performance.

A artista classificou a experiência como uma das visitas mais marcantes que já realizou e costuma dividir com os seguidores momentos do processo criativo, da produção das obras e de encontros como esse, que aproxima seu trabalho de novos públicos.



NANDO REIS EM NATAL

Por Helliny França

Com um mundo cada vez mais conectado, incentivar a leitura virou um desafio, e isso é o que propõe o projeto Ação Leitura. Neste ano, a abertura do evento aconteceu no último dia 16 no Cinemark, no Midway Mall, e contou com a presença do cantor e compositor Nando Reis, que lançou seu primeiro livro, o Pré-Sal, em 2024. O evento segue até o dia 6 de agosto no Teatro Alberto Maranhão, com a participação de diversos autores.

“Eu estou muito feliz. Não é muito comum para mim abordar o meu trabalho por esse ângulo, porque eu não sou escritor, sou um compositor com palavras. Mas o assunto da minha formação na literatura sempre foi muito importante”, disse Nando Reis.

O cantor bateu um papo com o escritor e idealizador do evento, Carlos Fialho, e falou sobre seu primeiro contato com a literatura e como ela influencia na sua trajetória musical. A obra Pré-Sal foi inspirada na música homônima que abre o álbum Sei, de 2015.

“Pré-Sal é uma canção que tem uma letra muito cheia de imagens. Na verdade, eu nem imaginei que isso fosse virar um livro, e é um livro a partir de uma caderneta com ilustrações que eu fiz para cada verso da música”, disse o cantor.

O evento contou com um público variado, amantes dos livros e da música, que viram uma intersecção entre as artes, e foram acompanhar de perto o bate-papo com Nando Reis. É o caso de Maria Liz, que é cantora e compositora, e conta que a literatura teve um papel fundamental para a sua produção cultural.

“A música também cria narrativas, mas eu acredito que são estruturas diferentes, então vai ser muito importante ter essa escuta. E a literatura na minha vida tem importância fundamental, porque foi da poesia que eu comecei a composição, então eu acho que é essencial em todos os quesitos possíveis”, disse a cantora.

Carlos Fialho conta que o projeto visa aproximar o público em geral da prática da leitura, mas também tem ações voltadas para os jovens. Ele explica que entre os dias 4 e 6 de agosto, o Ação Leitura vai levar estudantes de mais 30 escolas para participar de palestras e conversas no Teatro Alberto Maranhão.

“O que a gente quer passar é uma mensagem muito simples: leia não porque é bom para você. Essa mensagem a escola faz melhor do que a gente. O que queremos passar para eles é: leia porque você pode gostar”, disse Fialho.

O idealizador da ação destaca que o evento quer mostrar a importância de as pessoas integrarem o hábito da leitura ao cotidiano, como uma prática orgânica do dia a dia. Fialho pontua que a curadoria do Ação Leitura pensou também em convidar autores que além de possuírem boas obras, se comunicassem de uma forma que convidasse o público para a leitura.

“São autores que se expressam bem e que podem proporcionar isso que a gente pretende: que é promover um momento de encantamento e de aproximação daquele público que vai estar lá presente com o universo da leitura”, afirmou.

A Ação Leitura 2026 é realizada por meio da Lei Câmara Cascudo, da Secretaria de Estado da Cultura e do Governo do Rio Grande do Norte, com patrocínio da Distribuidora Riograndense e Sadio Alimentos, e produção da Escribas Editora. A governadora do Estado, Fátima Bezerra, destacou a importância do projeto com as escolas e com o público em geral.

“Quanto mais a gente promover a questão da literatu-



ra, mais fortalecer, inclusive as bibliotecas, estaremos caminhando para um mundo de paz, de respeito e de justiça social”, disse Fátima.

O projeto

O projeto Ação Leitura 2026 foi aberto nesta quinta-feira 16, com a palestra “Poesia que se faz canção: um papo sobre leitura, escrita e criatividade”, conduzida pelo cantor, compositor e escritor Nando Reis.

Até o dia 6 de agosto, o evento contará com palestras, bate-papos, lançamentos de livros e encontros com escritores em escolas públicas e espaços culturais de Natal e Parnamirim. Entre os convidados estão Marcelino Freire, Eva Potiguara, Vanessa Augusta Cortez, Taangahara e Clotilde Tavares.

O projeto é desenvolvido em três etapas. Inicialmente, textos dos autores convidados são enviados às escolas participantes para leitura e discussão em sala. Em seguida, os estudantes participam de encontros presenciais com os escritores. Ao final da programação, os livros são doados às instituições de ensino para estimular a continuidade das atividades de leitura.

SERVIÇO

21, 23 e 24 de julho: visitas a escolas de Natal e Parnamirim.

04 de agosto (terça) – Teatro Alberto Maranhão

Manhã – produção, montagem, adesivação e organização dos espaços
Tarde – bate-papo com Marcelino Freire
Noite – bate-papo com Jeferson Tenório

05 de agosto (quarta) – Teatro Alberto Maranhão

Manhã – bate-papo com Marcelino Freire
Tarde – bate-papo com Marcelino Freire

06 de agosto (quinta) – Teatro Alberto Maranhão

Manhã – bate-papo com Eva Potiguara e Fábio Oliveira
Tarde – bate-papo com Vanessa Augusta e Clotilde Tavares



QUANDO O ESPÍRITO OBSESSOR É A VIOLÊNCIA MASCULINA

Por Thaís Dias

Bear (Michael Johnston) é apaixonado por sua melhor amiga, Nikki (Inde Navarrette), mas não tem coragem de chamá-la para sair. Sem esperança, ele apela para o One Wish Willow, que lhe concede o desejo de que Nikki o ame incondicionalmente. **Obsession** (2026) se utiliza de algo que eu amo nos filmes de terror: o medo do real. Particularmente, o subgênero do terror psicológico me atrai pela sagacidade com que aproxima o espectador da narrativa. Eu não consigo acreditar no capeta que possui uma boneca sinistra, mas consigo conceber um homem que escolhe retirar a liberdade de uma mulher em prol da realização de seu amor platônico.

O magnetismo desse filme perpassa pelo terror inteligente e factível, disfarçado de sobrenatural. A entidade maligna aqui é o desejo de posse entranhado em certas formas masculinas de se relacionar. O afeto levado ao extremo, às custas da despersonalização de Nikki, não pesa sobre a consciência de Bear, porque ele se perde no prazer colossal de ser, perenemente, o objeto de devoção dessa mulher. É uma carícia ao ego tão irresistível que pouco importa que ela não seja real.



Os números mostram que eu não sou a única que amou essa história. Com o singelo orçamento de 750 mil dólares, pouco menos de 4 milhões de reais, o longa já arrecadou mais de 427,3 milhões de dólares em bilheteria em todo o mundo, segundo o Box Office Mojo, o que representa mais de 400 vezes o custo de produção.

A atuação de Inde Navarrette é estarrecedora e brilhante. Eu sinto o medo de estar na pele dela, uma mulher reduzida à inexistência em vida. Chego a sentir seu sufocamento nas cenas que se estendem até o maior desconforto possível. É uma experiência quase sinestésica, angustiante.

Nesses momentos, foi fácil pensar que poderia ser eu, uma Nikki, daí minha empatia por ela. Michael Johnston também interpreta com louvor e entrega um homem leviano, dócil, em quem costumamos confiar. Ele constrói esse personagem de forma cirúrgica, nos ensinando que a estratégia de um homem obsessivo, quando confrontado com suas próprias faltas, é neutralizar qualquer manifestação de desejo do objeto amado, porque isso lhe tira o gozo do controle e o leva à angústia de não ser o provedor das necessidades de uma mulher. É um desses personagens tão medíocres que me irritam.

Afinal, Bear consegue suplantar todos os desejos de Nikki, em sua condição de possuída, exceto aquele que recai sobre ele mesmo. Aqui o roteiro é profundo: ele não consegue deter o curso de seu próprio desejo, nem quando tenta escapar dele. Mesmo morta em seus quereres e programada a nada desejar para si, Nikki, em sua versão possuída, o faz experimentar, então, o peso de lidar com o único remanescente incorruptível da vontade de seu objeto: o próprio Bear. Só aí a violação da humanidade de Nikki se torna um problema: quando passa a violar a dele também.

Minha cena preferida é aquela em que Nikki tem seu momento de exorcismo e retoma sua consciência, desesperada e pedindo para morrer. Ele lhe responde perguntando o que havia de tão ruim em ficar com ele. É um filme com final feliz, posso dizer. Nessa história, ela acaba viva.

Cultue

POTIGUARES CHEGAM AO RIO GRANDE DO SUL



Três jovens musicistas potiguares vão participar da segunda edição do Festival Internacional de Música de Novo Hamburgo (FEMUSIK), que acontece entre os dias 18 e 26 de julho, em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. Angel Gabriel (saxofone), Letícia Fernandes (violoncelo) e Monique Kerly (clarinete) são bolsistas selecionados pelo Festival Sinfônico, projeto realizado em 2024 que levou formação musical gratuita para jovens instrumentistas do interior potiguar.

Promovido pelo Instituto Arlindo Ruggeri, com apoio da Orquestra de Sopros de Novo Hamburgo e coprodução da MAPA Realizações Culturais, o II FEMUSIK oferecerá cerca de 300 vagas para músicos de diferentes níveis do Brasil e do exterior. Durante nove dias de atividades, os participantes terão acesso a aulas individuais e coletivas, práticas de conjunto, música de câmara, concertos e recitais conduzidos por mais de 20 professores brasileiros e internacionais.

A programação também inclui o II Concurso Jovens Solistas e o II Concurso de Composição para Orquestra de Sopros. “O FEMUSIK nasceu com o propósito de oferecer uma formação musical de excelência e de fortalecer o papel da música como instrumento de transformação social. Queremos promover o intercâmbio entre diferentes culturas, incentivar novos talentos e aproximar a comunidade da música de concerto”, afirma o diretor Artístico e idealizador do Festival, Linus Lerner.

O saxofonista e fagotista Angel Gabriel é de Luís Gomes e atua como professor na Orquestra Filarmônica Pauferrense e na Banda Dr. Vicente Fernandes Lopes. Ele, a violoncelista Letícia Fernandes e a clarinetista Monique Kerly conquistaram a bolsa durante o Festival Sinfônico, realizado entre julho e novembro de 2024 nos municípios de Caicó, Jucurutu, Luís Gomes, Pau dos Ferros, Portalegre e Natal. A iniciativa impactou diretamente 240 jovens por meio de concertos, recitais, aulas coletivas e individuais e masterclasses.

“Ser contemplada com essa bolsa representa um importante reconhecimento da minha trajetória musical e fortalece ainda mais o meu compromisso com a música instrumental. Acredito que o FEMUSIK será uma oportunidade única de aprendizado, troca de experiências e crescimento artístico, que certamente contribuirá para a minha formação como musicista”, comemora Monique, clarinetista de Pau dos Ferros, integrante da Orquestra Filarmônica Pauferrense e da Banda de Música Dr. Vicente Lopes.

“O Festival Sinfônico foi uma realização importante e agora chegamos a fase inovadora de levar três jovens talentos da música potiguar a viver a experiência de um festival internacional.



A bolsa inclui passagem aérea, traslados terrestres e hospedagem, além da isenção da inscrição. Temos certeza de que essa experiência será um divisor de águas na carreira destes jovens”, destaca a produtora cultural Tatiane Fernandes, da MAPA.

A presença potiguar no II FEMUSIK também será representada pela violinista Gláucia Santos e pelo arranjador e contrabaixista Willames Costa, integrantes da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte (OSRN) e colaboradores do Festival Sinfônico. O concerto de encerramento do festival terá como destaque o “Requiem”, de Giuseppe Verdi, uma das obras mais conhecidas do repertório coral-sinfônico, que reúne orquestra, coro e solistas.

O Festival Sinfônico é um projeto da MAPA Realizações Culturais, realizado através do Edital Transformando Energia em Cultura e Programa Câmara Cascudo. A MAPA também é coprodutora, em apoio ao Instituto Arlindo Ruggeri, do Festival Internacional de Música de Novo Hamburgo, considerado um dos principais encontros de formação musical do País.

SERVIÇO

II Festival Internacional de Música de Novo Hamburgo (FEMUSIK)

Data: 18 a 26 de julho

Local: Novo Hamburgo (RS)

Realização: Instituto Arlindo Ruggeri

Apoio: Orquestra de Sopros de Novo Hamburgo

Produção: MAPA Realizações Culturais e Instituto Arlindo Ruggeri

Programação: aulas, práticas de conjunto, música de câmara, II Concurso Jovens Solistas e II Concurso de Composição para Orquestra de Sopros, Recitais e Concertos.

Mais informações: femusik.com

Cultue

DADOS QUE ORIENTAM DECISÕES.

Pesquisa, estratégia e inteligência
para entender cenários e
antecipar resultados.

- ✓ Pesquisas Eleitorais
- ✓ Pesquisas de Mercado
- ✓ Opinião Pública
- ✓ Estudos Comportamentais

A Exatus Pesquisa e Consultoria é
referência em pesquisas eleitorais, de
mercado e opinião pública no Rio
Grande do Norte.

Atuamos com rigor
metodológico, credibilidade
e análise estratégica para
transformar dados
em decisões seguras.

☎ 84 98186-3191

📷 @exatuspesquisa

🌐 exatuspesquisa.com.br

✉ exatuseconsultoria@gmail.com

📍 Av. Rodrigues Alves, 955 - Tirol
- Petrópolis, Natal - RN, 59020-200

exatus
CONSULTORIA & PESQUISA

